

I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial

Realização: FCRB · UFF/PPGCOM · UFF/LIHED

8 a 11 de novembro de 2004 · Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro – Brasil

O texto apresentado no Seminário e aqui disponibilizado tem os direitos reservados. Seu uso está regido pela legislação de direitos autorais vigente no Brasil. Não pode ser reproduzido sem prévia autorização do autor.

Machado de Assis e Garnier: o escritor e o editor no processo de consolidação do mercado editorial.

Rutzkaya Queiroz dos Reis, Docente da disciplina Literatura Brasileira nas Faculdades Padre Anchieta de Jundiá – SP.¹

Resumo: No circuito literário do Brasil oitocentista, o francês Baptiste-Louis Garnier ocupou lugar de destaque na produção editorial brasileira, sendo Machado de Assis um dos principais colaboradores de suas revistas e periódicos, como também um dos principais escritores da casa. O objetivo deste trabalho é traçar a história da Livraria e Editora Garnier, vinculada ao processo de inserção do escritor ao cânone literário brasileiro.

Palavras-Chave: Garnier; Machado de Assis; Mercado Editorial do Brasil – séc. XIX.

A conexão França – Brasil era das mais atrativas no século XIX. Os brasileiros em busca de novos horizontes culturais e os franceses em busca de novos horizontes comerciais. Entre as senhoritas e senhoras da sociedade carioca, a moda francesa. Entre os intelectuais, os preceitos do pensamento francês. Nas linhas de rodapé dos jornais, os folhetins ... em sua maioria franceses. Até mesmo o baile na Ilha Fiscal contou com as camélias; flores que deram nome ao livro do francês Alexandre Dumas Filho, que por sua vez inspirou o romance e heroína de um dos grandes vultos da nossa literatura, o Sr. José de Alencar².

Sob a égide da musa de Alphonse de Lamartine³, em 1870, Machado de Assis publicava o poema “Pálida Elvira”⁴, cuja estrofe XVI diz:

¹ **Currículo:** Docente do Ensino Superior da disciplina Literatura Brasileira (Faculdades Padre Anchieta – Jundiá, SP), Ensino Médio e Curso Pré-Vestibular das disciplinas Literaturas Portuguesa e Brasileira. Mestre em Teoria e História Literária (UNICAMP). Graduada em Letras (UNICAMP). Endereço eletrônico: rutzkaya@yahoo.com.br

² O romance é *Lucíola* (1862), cuja personagem principal lê *A Dama das Camélias* (1848), de Alexandre Dumas Filho. Palco do último grande baile do Império, acontecimento de grandiosas proporções, ocorrido em 09 de Novembro de 1889, que deixou marcas na história do Rio de Janeiro. Na verdade, foi uma homenagem à Nação chilena, representada pelo Comandante e oficiais do Couraçado Almirante Cochrane, que visitava o país. A maior festa até então realizada no Brasil ocorreu pouco após a inauguração da ilha e seis dias antes da Proclamação da República. Com essa recepção, o Império reforçava os laços de amizade que nos unia ao País andino, bem como tentava reerguer o prestígio da Monarquia, bastante abalado pela intensa propaganda republicana.

³ Alphonse de Lamartine (1790-1869) nasceu em Mâcon (França), e é tido como o primeiro poeta verdadeiramente romântico da literatura francesa, com uma obra em que grandes temas desse período

XVI

“ — *Latet anguis in herba...*” Neste instante
Entrou a tempo o chá... perdão, leitores,
Eu bem sei que é preceito dominante
Não misturar comidas com amores;
Mas eu não vi, nem sei se algum amante
Vive de orvalho ou pétalas de flores;
Namorados estômagos consomem;
Comem Romeus, e Julietas comem.⁵

E entre pacotes e passageiros, nas idas e vindas dos vapores, em 1844, chegou ao Brasil o francês Baptiste-Louis Garnier. Chegado e devidamente instalado no principal pólo de atrações e cultura do império, o Rio de Janeiro, o jovem empreendedor abre a Livraria Garnier no Brasil, que dirige até sua morte, em 1893.⁶

Segundo Hallewell, seu objetivo era o de encontrar no “novo” e “ambicioso” país o ambiente propício para desenvolver o comércio jornalístico, projeto esse concretizado, além dos rendosos negócios que fechou na compra dos direitos autorais das obras dos nossos literatos, juristas e outros tantos intelectuais que figuraram com destaque no cenário da época.

No cenário em construção do mercado editorial brasileiro, Garnier não foi o único livreiro-editor de destaque e importância para o século XIX. Um pouco antes, os irmãos Eduard e Heinrich trabalharam no mesmo ramo e cidade; foram os bem sucedidos proprietários do Almanaque Laemmert. Dispunham para seus negócios na então capital brasileira, de uma livraria, e mais tarde de uma gráfica, a fim de imprimir as publicações da “*E ? H Laemmert, mercadores de livros e música*”⁷.

Apesar disso, o francês Garnier, que deixara os irmãos em sua terra natal, roubou a cena na história literária brasileira, tendo contado com diversos artífices, mesmo sem angariar a simpatia da maior parte dos literatos e intelectuais que com ele

artístico apresentam-se de um modo marcadamente subjetivo. Machado de Assis traduziu um de seus mais famosos poemas, “À El ***”, também em *Falenas*, 1870.

⁴ ASSIS, Machado de. *Falenas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier Editor, 1870.

Cf. Hallewell, 1985, p.128.

⁵ Texto estabelecido por Rutzkaya Queiroz dos Reis, ver *Poesias Completas de Machado de Assis*, um passeio pelas edições para o estabelecimento dos textos. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Junho de 2003.

⁶ Baptiste Louis Garnier tinha 21 anos completos quando chegou ao Brasil. Nasceu a 4 de março de 1823 e desembarcou no Rio de Janeiro a 24 de julho de 1844.

⁷ Os irmãos Eduard (1806-1880) e Heinrich (1812-1884) Laemmert, foram os proprietários de uma das principais editoras do Brasil da segunda metade do século XIX. Seus negócios tiveram início em 1827, sob o comando de Eduard, que chegou ao Rio de Janeiro como representante da editora francesa Bossange. Doze anos mais tarde, e cinco antes da chegada de Garnier ao Brasil, Heinrich também desembarca no Rio de Janeiro, para junto com seu irmão Eduard, fundar a “*E ? H Laemmert, mercadores de livros e música*”.

conviveram e assinaram contratos. Com os Laemmert, Baptiste-Louis Garnier competiu durante toda sua vida, e deixou o legado para o irmão Hipolyte, que ergueu um prédio de três andares, inaugurando uma nova loja para competir com os conterrâneos. A empresa dos irmãos Garnier foi a de maior duração: funcionou de 1844 a 1934, sendo que, até 1852, dirigia a firma com o nome de “Garnier e irmãos”, para somente depois tornar-se “B. L. Garnier”.⁸

O velho “Bom Ladrão” pagava pelos direitos autorais aos tradutores e aos autores brasileiros, e empregava redatores e revisores de qualidade para resgatar os textos da literatura brasileira do Barroco e Arcadismo. Introduziu ainda o formato francês ao qual a maioria dos livros brasileiros se ajustou por mais de 60 anos, além dos preços de capa fixos.

Foram muitos os anos de trabalho, pelos quais Garnier pediu ao Gabinete do Ministério do Império uma condecoração como reconhecimento da importância do seu trabalho de livreiro-editor para a produção cultural do país; pedido esse atendido.

Num projeto ambicioso, tal como o ambiente que procurava quando de sua chegada, Garnier trabalhou com afinco, identificando o público leitor que pretendia atingir, buscando e publicando as principais obras dos mais notáveis escritores e intelectuais da época, e aos poucos modificando a imprensa através da “conjugação entre imprensa e literatura”, antes segmentadas entre imprensa política e imprensa literária.⁹

Em meados de 1860, Baptiste-Louis já havia conseguido aumentar o público leitor de romances. Tinha ainda a seu favor a remuneração aos tradutores, formação de um corpo fixo qualificado de redatores-revisores e maciço investimento em literatura, tanto européia quanto nacional. Regina Braga¹⁰, num artigo sobre *Os Sertões* de Euclides da Cunha, destaca que “Baptiste Louis publicou, entre outros, Honoré de Balzac, Walter Scott, Charles Dickens, Alexandre Dumas e Oscar Wilde. Com forte tino comercial, conservador e nada afeito a riscos, ele priorizava a edição de autores consagrados. Editou a maioria das obras dos romancistas brasileiros importantes de seu tempo. A numerosa equipe de autores da Garnier incluía José de Alencar, Joaquim

⁸ Na mesma rua do Ouvidor, instalaram-se ainda outros livreiros franceses: Plancher, Villeneuve, Irmãos Firmin Didot, Mongie, entre outros.

⁹ Cf. Sodré, 1966, p. 210.

¹⁰ *Arqueologia de um livro monumento*, *Os Sertões* sob o ponto de vista da Memória in <http://www.casaeuclidiana.org.br/texto/ler.asp?Id=148>. Regina Braga é Doutora em Ciências Humanas (Antropologia Social), Professora Adjunta do Departamento de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade do Rio de Janeiro (UNIRIO) e autora de *O Enigma de Os Sertões* (1998, Rocco/Funarte).

Manuel de Macedo, Graça Aranha, Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, Joaquim Nabuco, Sílvio Romero, Olavo Bilac, José Veríssimo, Artur Azevedo, Bernardo Guimarães, Paulo Barreto (o João do Rio). Baptiste Louis Garnier foi também o pioneiro e principal editor de Machado de Assis”. Em suma, Garnier dominou o mercado de ficção nacional e estrangeira no Brasil de sua época.

Pouco depois, em meados de 1862, empenharia todos os seus esforços para conquistar o público feminino com condições de acompanhar as modas da época, que mal havia se libertado das restrições impostas no período colonial, para em seguida entrar na clausura dos padrões ditados pela moda e literatura francesas.

Um ano antes da publicação do primeiro livro pelo qual recebeu direitos autorais, Machado de Assis, então colaborador do *Jornal das Famílias*, escreve neste que foi um dos periódicos de sucesso da Livraria Garnier:

Melhorando de dia para dia, as edições da casa Garnier são hoje as melhores que aparecem entre nós. Não deixarei de recomendar aos leitores fluminenses a publicação mensal da mesma casa, o *Jornal das Famílias*, verdadeiro jornal para senhoras, pela escolha do gênero de escritos originais que publica e pelas novidades de modas, músicas, desenhos, bordados, esses mil nadas tão necessários ao reino do bom tom. (ASSIS, 1959, p. 264).

O público que lia “mil nadas” fez do *Jornal das Famílias* um sucesso. O escritor fazia-se conhecido, enquanto Garnier via os negócios crescerem.

Em apenas quatro meses, Machado recebeu por *Crisálidas* 1.600\$000 de direitos autorais, uma quantia razoável para a época, equivalente a uns oito meses de seu salário. Em maio de 1869, editor e editado assinam contrato para a publicação de duas obras, cada uma delas com tiragem de mil exemplares. O autor recebe 200 réis por exemplar dos *Contos fluminenses* (seu primeiro livro de contos, reunindo sete trabalhos publicados no *Jornal das Famílias*) e das *Falenas*, (seu segundo livro de poemas e o primeiro impresso na França). Dois meses antes do casamento, em setembro, assina novo contrato com Garnier, para a edição de outros três livros, recebendo 1.200\$000. *Ressureição*, sua estréia no romance, sai em 1872, com boa receptividade crítica. No ano seguinte, surgem as *Histórias da meia-noite*, reunindo cinco contos publicados no *Jornal das Famílias* e um inédito. O terceiro livro constante do contrato nunca foi publicado. Já é considerado, então, um dos mestres da literatura brasileira do momento, ao lado de José de Alencar. Em 1973, como reconhecimento a essa posição, a revista

Archivo Contemporâneo publica um número em cuja capa figuram lado a lado, num retrato, os dois escritores.

Contudo, a história e figura do livreiro-editor estão ainda à mercê dos grandes vultos literários que publicou durante seus anos de trabalho em terras brasileiras. Seu nome, bem como os periódicos que publicou por quase 19 anos, são mencionados quando algum dos vários colaboradores desses é posto em destaque, tal como ocorre com Joaquim Norberto¹¹, da *Revista Popular*, que mais tarde transformou-se no *Jornal das Famílias*, do qual Machado de Assis foi colaborador.

Do mesmo modo, o processo de inserção de Machado de Assis no cânone literário - consumado ainda em vida -, deixou até hoje em aberto, o filão da história que se ocupa das miudezas do cotidiano de um jovem que começou publicando versos seus aos 15 anos, na *Marmota Fluminense* de Paula Brito, e aos poucos alçou vãos mais ligeiros e altos, até tornar-se o mestre dos “apóstolos” da Garnier. Antes das grandes obras, escreveu muitos versos, inúmeras crônicas e críticas literárias, além de algumas peças teatrais, produção essa em sua maioria, comprada e publicada pelo livreiro-editor francês.

Na luta e conquista por um espaço e leitores, Garnier e Machado foram os pilares de uma geração.

O vínculo não se limitou apenas à amizade que os uniu durante os vinte anos de suas relações – conforme aponta o próprio Machado de Assis, mas também a comercial, privilegiando ambas as partes na briga por um espaço no mercado editorial, bem como no literário.

Garnier é das figuras derradeiras. Não aparecia muito; durante os 20 anos das nossas relações, conheci-o sempre no mesmo lugar, ao fundo da livraria, que a princípio era em outra casa, n.º 69, abaixo da rua Nova. Não pude conhecê-lo na da Quitanda, onde se estabeleceu primeiro.¹²

Em um dado momento – ainda por ser descrito e narrado, Machado de Assis passou a ser uma espécie de “âncora” da Livraria Garnier, tal como podemos observar no dia da inauguração da nova loja, após a morte de Baptiste-Louis.

No dia da inauguração do novo edifício, o presente que receberam os convidados, para memória do acontecimento, foi

¹¹ Joaquim Norberto também gozou de boas relações com Garnier. Frequentava semanalmente a livraria, organizou inúmeras edições, tais como *Obras Poéticas*, de Silva Alvarenga; *Poesias*, de Gonçalves Dias, além de uma dezena de outros volumes e traduções.

¹² ASSIS, Machado de. *Garnier in A Semana*, *Gazeta de Notícias*, 08/10/1893. Escrito por ocasião da morte de Garnier.

um volume de Machado de Assis com a assinatura autógrafa do mestre e a data - 19 de janeiro de 1901. A mim coube um exemplar da 3ª edição do Brás Cubas, que conservo.¹³

Considerada a principal responsável pelo início do desenvolvimento editorial brasileiro, a livraria e editora tinha no andar térreo, um em frente ao outro, dois extensos balcões de madeira de lei polida separando as estantes das 12 cadeiras que serviam de palco aos informais debates literários que se realizavam todas as tardes sob a liderança de Machado de Assis. Eram as "cadeiras dos doze apóstolos". O mestre era Machado de Assis, o único a ter lugar cativo. Os outros se revezavam entre os escritores que alcançavam consagração em diferentes períodos. Por esse motivo, escritores que almejavam editar seus livros na Garnier disputavam a possibilidade de desfrutar das conversas de fim de tarde na editora e, na melhor das hipóteses, a condição de serem incluídos entre os "apóstolos". Carlos Maul, em *O Rio da Bela Época*, comenta que “entrar ali, à tarde, exhibir-se na porta aos transeuntes, constituía motivo de orgulho para determinados moços de alma ingênua e povoada de esperanças que se sentiam felizes pelo respirar o mesmo ar sagrado que respiravam as figuras eminentes reunidas no fundo da loja. Até 1907, um ano antes de sua morte, Machado de Assis era o pontífice daquelas tertúlias que congregavam Alberto de Oliveira, José Veríssimo, Mário de Alencar, vez por outra Coelho Neto, também passageiramente Olavo Bilac, e outros nomes de proa”. E acrescenta que “com o desaparecimento de Machado de Assis, que dava ao reduto um cunho de austeridade, o grupo foi sendo reduzido, até dissolver-se, com a chegada de um novo gerente da casa. Alberto de Oliveira já não aparecia. Bilac, muito ocupado com o ganha-pão em várias atividades, não tinha vagares para conversas. Coelho Neto, muito menos, porque seus afazeres não lhe davam folga para reuniões improdutivas”.¹⁴

No correr da pena e dos anos, Machado de Assis deixou de ser um mero colaborador dos periódicos de Garnier, enquanto este, de contrato em contrato, tomava conta da obra do escritor, como assim também fez com inúmeros outros de igual destaque nas letras nacionais. A cada nova obra, a conquista do público leitor e da crítica literária por Machado de Assis, enquanto do outro lado do balcão, acontecia a consolidação do projeto editorial do francês.

¹³ www.academia.org.br/cads/35/rodrigo.htm

OTÁVIO, Rodrigo (1866-1944). *Minhas memórias dos outros*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1978.

¹⁴ MAUL, Carlos. *O Rio da Bela Época*. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1968, 2ª edição, p. 173-174.

Referência Bibliográfica:

ABREU, Márcia (org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado de Letras, 2000.

ANDRADE, Ana Luiza. *Transportes pelo olhar de Machado de Assis*. Passagens entre o livro e o jornal, Chapecó: Editora Grifos, 1999.

ASSIS, Machado de. *Obras Completas – conto e teatro*. (org. Afrânio Coutinho). Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959, v. 2.

AUGUSTI, Valéria. *O Romance como Guia de Conduta: A Moreninha e Os Dois Amores*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, ?

BRAGANÇA, Aníbal. “Uma introdução à história editorial brasileira”, in *Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias*. Vol. XIV/2002, IIa. série. “Livros e cultura escrita. Portugal, Brasil, Espanha. Coord. de João Luís Lisboa. Lisboa: Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa, p. 57-83.

_____. *Livraria Ideal, do cordel à bibliofilia*. Niterói: EdUFF/Pasárgada, 1999.

_____. *Eros pedagógico: a função editor e a função autor*. São Paulo: Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo/Escola de Comunicações e Artes, 2001.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil: 1900*. , Ministério da Educação e Cultura/Serviço de Documentação, s/d.

CHAMPION, Honoré. *Portraits de libraires. Les frères Garnier*. Paris: Impr. de A. Fleury, 1913.

COELHO NETO, H. (1864-1934) *Fogo fátuo*, Porto: Chardron, 1929.

DENIS, Ferdinand. *Resumo da História Literária do Brasil*. Porto Alegre, Livraria Lima Ltda, 1968.

DUTRA, Eliana Regina de Freitas. Almanaque Garnier: “Ensinando o Brasil a ler, ensinando a ler o Brasil” In: *Leitura, Leitura e Histórias da Leitura*. 1ª. edição, Campinas : Mercado de Letras, 2000.

EDMUNDO, Luís. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938.

FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henry – Jean. *O aparecimento do livro*, São Paulo: Editora da Unesp; Hucitec, 1992.

HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil* (sua história), São Paulo: T.A. Queiroz, Editor & Editora da Universidade de São Paulo, 1985.

GARRAUX, A. L. *Bibliographie brésilienne: catalogue des ouvrages français & latins relatifs au Brésil: (1500-1898)*, prefácio de Francisco de Assis Barbosa.

GRANJA, Lúcia. *Machado de Assis, escritor em formação (À roda dos Jornais)*, Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 2000.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A Formação da Leitura no Brasil*, São Paulo: Editora Ática, 1996.

_____. *O preço da Leitura*. São Paulo: Editora Ática, 2001.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *Machado de Assis Desconhecido*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

MARIANO, Ana Salles; OLIVEIRA, Maria Rosa D. (org). *Recortes Machadianos*. São Paulo: EDUC, 2003.

MARTIN, Henri-Jean , CHARTIER, Roger. *Histoire de l'édition française*. Paris: Fayard, c.1989-, 4 vol.

MAUL, Carlos. *O Rio da Bela Época*. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1968, 2ª edição.

MELLO, José Barboza. *Síntese Histórica do Livro*. Rio de Janeiro: Editora Leitura S.A., 1972.

MICHON, Jacques; MOLLIER, Jean-Yves (orgs.). *Les mutations du livre et de l'édition dans le monde; du XVIIIe siècle à l'an 2000*. Paris: L'Harmattan, 2001.

MOLLIER, Jean-Yves. *L'argent et les lettres: histoire du capitalisme d'édition (1880-1920)*. Paris: Fayard, 1988.

MONTELLO, Josué. *O Presidente Machado de Assis nos papéis e relíquias da Academia Brasileira*, 1961.

MORAIS, Rubens Borba de. *Livros e Bibliotecas no Brasil colonial*, Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1979.

MORIN, Louis. *Les Garnier, imprimeurs et libraires à Troyes [Texte imprimé]*. Paris: H. Leclerc, 1900.

MOUTON, Eugène. *L'art d'écrire un livre, de l'imprimer et de le publier*. Données textuelles, 1995.

OTÁVIO, Rodrigo. *Minhas memórias dos outros*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1978.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, (6ª edição revisada), Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

PINHEIRO, Alexandra Santos. *Revista Popular (1859-1862) e Jornal das Famílias (1863-1878): Dois empreendimentos de Garnier*. Dissertação de Mestrado, (Letras [Assis])Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2002.

RENAULT, Delso. *A vida brasileira no final do século XIX (visão sócio-cultural e política de 1890 a 1901)*, 1987.

RIZZINI, Carlos. *O livro, o jornal e a tipografia no Brasil, 1500 – 1822*. Com um breve estudo sobre a informação, Rio de Janeiro, 1946.

RODRIGUES, João Paulo Coelho de Souza. *A dança das cadeiras: Literatura e Política na Academia Brasileira de Letras (1896-1913)*, Campinas:SP: Editora da Unicamp, Cecult, 2001.

ROMERO, Sílvio. *Machado de Assis: estudo comparativo da Literatura Brasileira*. Coleção Repertórios, Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 1992.

SCHAPOCHNIK, Nelson. B.L.Garnier, Rua do Ouvidor 69, comunicação apresentada na sessão "Editores no Brasil, 1844-1948: múltiplas faces", realizada no XXI Simpósio Nacional de História da ANPUH, 2001.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A História da Imprensa no Brasil*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

SOUZA, Eneida Maria de. *O Homem da Porta da Garnier*. Boletim Centro de Estudos Portugueses, Belo Horizonte: UFMG, v.1, n.1, p.34 - 40, 1990.